

**D**e depois de amanharem a velha terra, tratada da mesma maneira há séculos, os camponeses puseram-se a descansar debaixo do frondoso sobreiro, tão antanho quanto as origens daquela Casa de Adeganha.

Falavam quase sempre de assuntos rotineiros, como o sol que não nascera tão belo, a chuva vindoura, a lavoura fraca, vez ou outra de assuntos celestes e religiosos, o que sempre se dava jeito de engendrar temas escatológicos, e com muita reserva, de seus Senhores. À boca pequena dizia-se que o caçula do Senhor emigraria, deixando para trás as propriedades dos pais e todo aquele passado de nobre labor. Afinal, não era o chá que sustentava a sociedade, mas a terra cultivada de grãos e hortaliças.

José António não era como seus pais, avós ou tetravós. Tinha espírito algo inquieto, queria ver as luzes de Lisboa ou as Matas da Amazônia. O ambiente vimaranense o sufocava, estrangulando a cada dia sua imaginação e a possibilidade de acompanhar um Novo Mundo.

Era gente muito antiga a família Fernandes. Cristãos velhos cultuadores de seus próprios fantasmas e campos. Certa foi a submissão às terras entre o Douro e o Minho, mas só a estas, pois o domínio sobre toda a gente era conhecido e muito respeitado. Não tinham, na memória, lembranças de temperamentos progressistas dentre seus parentes em linha reta, somente de um certo tio-bisavô do Senhor que, nos setecentos, alçou novos voos e se estabeleceu nas Minas Gerais. Em pouco tempo, esse tal de Jerônimo foi agraciado com toda sorte de títulos e circulação certa na Corte de Lisboa.

Mas o Senhor via com desdém esses avanços. Considerava leviandade qualquer caminho contrário aos desígnios do Divino Pai. Afinal, era Ele a quem cabia decidir se seus filhos viveriam no campo ou na cidade, se seriam servos ou senhores. Não havia meio caminho, tampouco possibilidade de mudança. Não seria fácil, portanto, romper com o ciclo vicioso da família. Para isso, teve José António de arquitetar um pequeno plano, a começar por amanteigar a relação com a mãe.

Mais arejada, Dona Joanna foi cúmplice do filho. Também não sabia ao certo os destinos a serem traçados pelo caçula. Supunha uma necessidade de frescor, mas rápido, como fora consigo em sua mocidade. Ela também desejou frequentar as rodas de seu tempo, estar com suas primas em Guimarães. Mas o tempo passou e as necessidades do casamento colmataram essas vontades juvenis. Fazendo-se presente dos segredos de José António, a mãe lhe deu dois trancelins de ouro, muito pesados, guardados num baú de couro lavrado com o monograma "J. C. F" (Joanna da Costa Fernandes).

Com as jóias, José António se dirigiu a Guimarães, sob o pretexto de visitar a casa das francesas, coisa que o pai permitia vez ou outra "mas com moderação" - dizia o Senhor. Dirigiu-se também a esta casa, mas foi antes ao Penhor, cujos valores recebidos foram suficientes para os bilhetes de viagem e hospedagem nalgum Hotel de razoável frequência. Bom o costume avoengo das Senhores de se vestirem com cordões pesados...

Não souberam o destino do rapaz até que uma carta chegou ao Casal de Adeganha.

*"Senhor meu Pai, Senhora minha Mãe,*

*Peço desculpas pelo sumiço; mas creio que mamãe terá falado sobre minhas aspirações.*

*Quero empreender e um novo mundo floresce na América.*

*Estou em Manaus, Amazônia.*

*Com muito affecto - e dentro em breve levo mais notícias,*

*vosso filho José António"*

A missiva foi breve, porém contundente. José António traspassava as teias sanguíneas, o histórico de devoção pelas herdades e antepassados Senhores da Adeganha. O pai esperava transmitir esse caldo de valores ao filho Caçula, já que era este o filho de temperamento forte e postura altiva, qualidades que julgava indispensáveis ao bom andamento da Casa.

A carta desestabilizou o Senhor. Julgava-se agora incompetente por não ter transmitido ao filho os valores corretos, da mesma forma que principiava a pensar que o caçula era um farsante, pois escondera de todos as suas reais intenções. Mas ele sabia que não

havia incorreção na postura adotada, pois José António sempre tendia ao afrouxamento dos códigos senhoriais para a adoção de um novo modo de vida.

Dona Joanna, de início, também se sentiu traída, embora tivesse sido conivente com as idiosincrasias do filho desde o início. Como toda boa mãe, logo esquecia qualquer rancor e dava lugar à uma grande saudade maternal, aflita com os destinos que poderiam ser trilhados.

**M**anaus foi o destino de José António, que já havia se instruído sobre a força da borracha. Não era o único, afinal. O intenso fluxo imigratório fez com que a Amazônia, antes detida por índios e portugueses desavisados, fosse a mata mais cosmopolita do Globo e recebesse estrangeiros de todas as localidades.

Enamorou-se pela selva pujante, pelos sons dos ventos e dos sabiás que tão logo, antes do sol se por, colocavam o rapaz de pé; as moças, muito morenas, suscitavam nele sentimentos controversos, pouco católicos diriam os velhos da família. Mas sabia canalizar suas forças para outros caminhos. Não atravessaria o Atlântico para sucumbir aos primeiros impulsos.

Com as seringais, necessário seria abastecer de víveres os novos lavradores. Tinha capital modesto para iniciar um negócio, mas uma pequena casa de aviamentos, capaz de fornecer os elementos mais básicos, não se faria impossível. Correu para conversar com os portuários, os fabricantes de algodão e linha, os produtores de água ardente e tabaco. O negócio se fez num prédio colonial térreo, mas muito jeitoso para o comércio.

Prosperou. O conhecimento contábil que possuía também foi elemento importante para o seu sucesso. Com racionalidade soube dividir os gastos e necessidades do dia. Como não era um arrivista, queria se inteirar daquela incipiente sociedade, abraçar causas e movimentos de desenvolvimento. Foi um dos primeiros portugueses de sucesso na região e, junto de alguns patrícios, deu início à construção de uma Associação Beneficente. De início, não se sentia pronto para presidir ou ocupar cargo de destaque, mas os anos de serviço e a estabilidade do comércio lhe auferiam prestígio para tal.

Já era homem de experiência quando contraiu primeiras núpcias. A moça, brasileira de traços e de gestos, chamava-se Inácia Maria, filha de um comerciante português com uma índia catequizada. E não foi por acaso a escolha da pretendente. Sentira-se atraído pelo gosto da mistura, de inaugurar o fim de uma era de dezenas de cristãos-velhos orgulhosos da pureza sanguínea, tantas vezes seduzidos pela possibilidade de juntarem-se a moças cristãs novas, desejosas de ascenderem socialmente, mas que, no pender dos jogos senhoriais, não cediam às essas estranhas forças.

Ousou mais ao enviar uma nova carta aos seus pais, dessa vez acompanhada da foto de seu matrimônio. Reduziu-se a dizer que estava bem e, na legenda do registro fotográfico, "Casal Guimarães". Foi o último ato rebelde de José António. Substituiu o sobrenome paterno pelo toponímico, supondo que a larga carga dos Senhores de Adeganha se esfumaria com a adoção de um novo nome. Naquele tempo, muitos imigrantes acolheram os seus sítios natalícios ao próprio nome, muitos por homenagem, outros por simplicidade, e talvez todos por forjarem uma nova realidade. A despeito de seu passado Senhorial, cujas raízes remontavam o Reinado de D. Diniz, José António queria colmatar esse pretérito rural de riqueza austera, a fim de abraçar e construir um novo mundo, uma civilização de luzes, telégrafos, ferrovias, desenvolvimento.

Dentro desse processo civilizatório, não estavam descartadas as possibilidades de refinamento cultural. Suas aspirações não eram gratuitas e tampouco egocêntricas. Pensava numa sociedade também mais esclarecida, cujas estruturas arcaicas poderiam ser substituídas por planos educacionais robustos.

Nos finais de 1880, José António Guimarães era dos maiores capitalistas de Manaus. Com o vertiginoso progresso dos aviamentos, diversificou os seus negócios, adquirindo extensas propriedades na Amazônia e também oferecendo serviços de crédito. Não havia bancos em Manaus e as casas comerciais operavam como verdadeiras agências bancárias, com fluxo de capital suficiente para empréstimos a juros. Toda a cidade conhecia o abastado proprietário da firma "*José António Guimarães Sociedade Ltda.*" e incomum não era a Municipalidade e o Governo da Província baterem à sua porta.

"Foi tentar a sorte no Brasil e fez a América", disse uma lavradora velha à outra mais moça. Ouvira dia antes de sua senhora que o caçula de Adeganha era agora homem feito e dentro em breve regressaria a Portugal. Mas não sabiam se José António retornaria à família ou se estabeleceria na capital portuguesa. O filho, agora casado, tinha uma criança de nome Maria, de olhos tão doces quanto os da mãe. Dona Joanna ansiava por mais notícias, embora as escondesse do Senhor que não admitia se falar no assunto.

Dias antes de subirem ao vapor, a esposa de José António sentiu fortes contrações. Um novo filho estava por vir, mas as dores tinham uma conotação muito diversa da primeira gestação. E, como uma índia sabida conhece as raízes e ervas para um medicamento

certo, Dona Inácia previa o seu fim. Mas não só o dela como o do nascituro, que certamente ansiava por suceder ao Pai no futuro.

José António permaneceu de luto cerrado por largo tempo. Vestiu-se de fato preto e não pensou noutras pretendentes até que sua filha Maria tivesse idade suficiente para entender uma nova conjuntura familiar. Preocupava-se muito com a filha e entendia que uma futura esposa só poderia ocupar esse espaço se amizade houvesse entre mulher e filha. Foi quando Maria tinha 12 anos de idade que o jovem viúvo, estimulado por amigos, foi ao Teatro Amazonas. Uma grande companhia de ópera se apresentaria nesse faustoso palco, todo ornamentado ao gosto neoclássico, e repleto de belos pescoços envolvidos por pérolas e brilhantes de uma sociedade jovem e muito viva.

Foi no seu camarote que lhe apresentaram uma moça de grande beleza, algo deslumbrante com raios de mistério. Maria Augusta era filha de uma família tradicional da região, embora de posses modestas. Ambiciosa, Manaus era pequena para desfilarm sua sedução. Queria também conhecer a Europa, frequentar Cassinos e Grandes Magazines, circular no *Grande Monde*... José António era o marido perfeito para a concretização de todos esses sonhos.

Maria Augusta soube encantar o viúvo ao exaltar as qualidades morais e o espírito cinzelado de sua filha. E, como também era homem, ter para si uma esposa tão formosa, de estruturas robustas, aliado ao temperamento altivo e pujante, não lhe parecia mal.

**V**ivaz, Dona Maria Augusta era agora o que sempre almejava ser. Acontece que o esposo mantinha-se reservado, com uma vida social pouco intensa. Era preciso que o abastado capitalista cedesse e, utilizando de artifícios vários, desde jogos de sedução a aliar a enteada a frequentar a sociedade, José António também passasse a ver a vida diletante com entusiasmo.

O dinheiro é o grande mobilizador da sociedade. Não eram os desígnios de Deus, como pensava o pai de José António, o propulsor de todas as circunstâncias humanas, mas estes próprios que, com espírito progressista e vontade de empreendimento, não sucumbiam às adversidades do nascimento e rumavam a outros destinos, ao sabor de suas habilidades e temperamentos. Assim pensava José António após estrangular a vida senhorial de seus antepassados, e a abrigar o espírito faustoso de belle époque. Enquanto casado com Dona Maria Augusta, fruiu de todas as comodidades de sua classe, comparecendo a festas e recepções, deleitando-se com as apresentações operísticas e com os olhares licenciosos de algumas senhoras também habitués do grande Teatro Amazonas, assim como presidir a Junta Comercial e ocupar cargos importantes nas agremiações e Associações Benéficas da cidade.

José António acompanhou e foi condescendente com as transformações de Manaus. Mas não só a capital amazonense, sítio este que ajudou concretamente a se desenvolver. Foi agente de mudança na sociedade como um todo, no exaurimento do Antigo Regime e nos seus códigos sociais, princípios estes que entendia retrógrados e inibidores do progresso. O meio urbano era agora sua única forma de viver e entender o mundo.

**J**á era tempo de regressar. A borracha, matriz de toda a fortuna amazonense, principiava a exaurir. Novos seringais exibiam-se mais fartos e produtivos, mas noutras localidades do Mundo, principalmente no Oriente, onde um aventureiro inglês açambarcou sementes do Brasil e as levou para Malásia e Ceilão. Manaus dava os primeiros sintomas de decadência, onde os prédios públicos, antes tão ciosos de sua pujança, mostravam-se com infiltrações, rachaduras e pobres circulando à sua volta.

José António prolongou sua estadia nos trópicos enquanto pode. Sentia-se filho da borracha e devedor de todas as graças por ela alcançadas. Manaus fora o sustentáculo de todas as suas aspirações e também o destino de seus sentimentos mais rebeldes, os quais, felizmente, resultaram na constituição de patrimônio e família. Mas os filhos crescidos ansiavam por maiores instruções, assim como a esposa ambicionava viver no velho continente.

De costume, emigrados enriquecidos tornavam às suas terras de origem muito eufóricos, desejosos de mostrar a todos os conterrâneos o sucesso dos empreendimentos no Brasil. Mas Guimarães não foi o destino de José António; primeiro porque não era de seu feitio mostrar-se aos olhos de quem quer que seja – e desse comportamento compreendia um padrão atávico dos Senhores de Adeganha, e segundo, porque seus projetos pessoais lançavam olhos em Lisboa, quintessência do império liberal português.

Não era, tampouco, a primeira vez que José António pisava os pés na capital alfacinha. Como capitalista, sua presença era frequente e bem quista na praça de Lisboa. Durante as duas décadas de residência em Manaus, eram certas as excursões à Europa, oportunidade em que expandia os seus negócios e círculo de amizades. Foi ainda no reinado de Dom Luís que arrematou uma importante quinta em Mafra, denominada “Quinta de Sant'ana”, pertença da monarquia colocada em hasta pública para satisfazer as prebendas da mesma máquina. Mais uma vez o liberalismo acompanhava o fôlego do capital.



O tempo que tudo engolia não arrancou a essência dos homens e seus pecados capitais. O avanço do comércio e da indústria, a invenção dos telégrafos e dos comboios, a inauguração de Casas Espetaculares e as reformas dos bancos escolares mantiveram intactas as ideias de distinção social. Os segmentos da burguesia, se dantes não possuíam o mesmo orgulho imemorial dos estamentos senhoriais, acresceram aos documentos nomes e lhe foram oferecidos títulos nobiliárquicos, colorindo a sociedade de novos atores mas a conservar um ciclo tão funesto quanto julgava José António dos códigos do Antigo Regime. A imagem que o capitalista fazia das transformações oitocentistas não passava agora de quimeras e os sons frenéticos dos bailes e cafés que frequentava lhe pareciam os primeiros sinais de um mundo agonizante.

Consciente dos gozos fruídos e das inquietações provocadas na ordem anterior, José António entendia-se como figura curiosa, algo controvertida, no limite entre o fidalgo de Guimarães e o janota de Lisboa. Passava a sentir aversão dos seus pares, muitos deles *Parvenus* dependurados nos púlpitos e a vociferar meias palavras revestidas duma liturgia que, embora de nova roupagem, notadamente mais coloquial, transmitia discursos muito anteriores. Mais do que isso, percebia agora a hostilidade de seu pai frente aos novos tipos sociais, ávidos por ocuparem espaços dos antigos Senhores, porém sem qualquer brio. Não chegou a fazer as pazes com seus fantasmas, mas reabilitou o sobrenome paterno como marca de sua procedência e singularidade frente aos figurões de sua época. Assinava agora José António Fernandes Guimarães.

Com o desaparecimento dos Senhores de Adeganha, alguns bens sobrevieram ao acervo já numeroso de José António. Por essa razão, fora enviado um tabelião de Guimarães para tratar desses assuntos com o filho caçula, sendo aquele direcionado ao Palacete dos Fernandes Guimarães, localizado na bastante aprazível Avenida Benfica. Nessa oportunidade, conheceu suas quatro filhas, todas jovens senhoras casadas com destacados personagens da sociedade Lisboeta, meticulosamente escolhidos pelo próprio Pai, muito cioso do bom nome da família e do futuro que as aguardava. Nisso não se apercebeu como o Senhor seu pai, mas José António repetia uma vez mais os velhos códigos aprendidos em criança, quando então o patriarca da família comandava todos os membros ao seu gosto e maneira austera.

Muito impressionado, o notário voltou ao cartório de Guimarães contando aos setenta e sete sobre as modernidades de Lisboa. Não só a capital lhe parecia demasiadamente grande, onde se hospedou num pequeno hotel no bairro industrial de Alcântara, como ficara perplexo com a opulência do casarão do senhor José António e a beleza elegante de suas filhas. Parando numa taverna qualquer, encontrou um compadre e emendou: “Se o velho Senhor de Adeganha houvesse conhecido as filhas do Caçula, certamente muito se orgulharia do filho e passaria uma borracha em todas as querelas...”. O compadre, antigo aguadeiro, muito andou pelas terras de Adeganha levando e trazendo baldes de cerâmica onde reservava água potável para Dona Joanna. Lembrava-se com orgulho do tempo privado com os Senhores e também ouvira dizer dos sucessos do “menino” José António nas terras do Brasil.

**A**s sombras da república se aproximavam quando D. Carlos assumiu o trono e, numa tentativa de alargar a base de apoio, agraciou grandes comerciantes, banqueiros e homens de negócios. Numa tentativa vã, Fernandes Guimarães foi procurado uma vez mais pelo mordomo-mor do Rei, oferecendo-lhe uma mercê no grau de Conde, em que manteve a posição de outrora e disse um sonoro “não” aliado a uma justificativa inusitada: “Não serei nem mais nem menos com um título de nobreza; diga ao Rei D. Carlos que me lisonjeia com a lembrança e que continuarei súdito fiel, mas não aceito”. Com orgulho ferido, visto que a titulação nesta altura não só não demonstrava verdadeira nobreza, como baixeza de espírito, havia um acréscimo importante para o financista: pagar emolumentos graúdos. Dinheiro mal aplicado, afinal. Melhor seria investir em ações da Companhia de Seguros Marítimos, cogitou.

(a continuar)